PROPAGANDA DA PEQUENA LAVOURA

CONSIDERAÇÕES APRESENTADAS Á MUNICIPALIDADE DE S. PAULO

SOBRE O PROJECTO

DE

PREMIOS Á CULTURA INTENSIVA

PELO

DR. JOÃO PEDRO DA VEIGA FILHO

Lente Cathedratico da Faculdade de Direito de S. Paulo

E

ADVOGADO

«E' necessario que tenhamos pela cultura dos campos aquelle culto afervorado dos antigos physiocratas, dos sectarios da doutrina de Turgot, lutemos nobremente pela conquista de nossa independencia economica para que se complete a obra de emancipação politica....»

DR. BERNARDINO DE CAMPOS.

S. PAULO

Typ. a Vap.—Espindola, Siqueira & Comp.—R. Direita, 10 A

1897

PREFACIO (*)

N'estes ultimos cinco annos as estatisticas têm revelado o facto desalentador e indiscutivel do estacionamento da producção nacional.

Diante de tão grave phenomeno que constitue, ao nosso ver, o principal agente da crise economica e financeira actual, em vista da nociva influencia que exerce sobre as liquidações de contas do Brazil no mercado exterior, causando enormes *deficits*, sempre suppridos por successivos emprestimos, augmento de impostos e novas emissões—não são de avisado conselho medidas passageiras e transitorias, como temos visto serem suggeridas pela imprevidencia de uns e pela inepcia de outros.

De par com a resoluta economia nos gastos publicos, cumpre appellarmos para a nossa fertil e ubertosa natureza, explorando as suas inexgottaveis riquezas, reanimando e readquirindo a ininterrupta prosperidade do passado, por meio do esforço intelligente do trabalho applicado ás differentes culturas.

Devemos seguir, de perto, o exemplo da Allemanha e da Argentina que, fornecendo a materia prima para todas manufacturas, o gado e cereaes para o alimento dos povos, ora surprehendem o mundo commercial com uma admiravel expansão agricola e industrial.

Naquelles paizes vulgarisam-se ideias uteis e proveitosas acerca dos differentes ramos da agricultura, por meio de uma propaganda bem dirigida e efficaz, á qual não é estranho o estimulo dado pelas classes dirigentes, pelas corporações administrativas e pelo Estado.

Muito resta fazermos, nesta ordem de cousas, e ás municipalidades está reservado um grande papel a desempenhar, a bem de tão patriotico tentamen, attenta a autonomia e meios de acção que lhe concedeu o novo regimen republicano.

Publicando as considerações que emittimos quanto ao projecto de *Premios á cultura intensiva*, o qual tivemos a opportunidade de apresentar á Camara Municipal desta Capital, não fazemos mais do que agir, na limitada esphera de nossa actividade, em prol dessa causa commum, e da qual tanto depende a prosperidade real de nossa cara Patria.

S. Paulo, 3 de Novembro de 1897.

DR. VEIGA FILHO.

(*) Igual prefacio fizemos ao nosso folheto sobre a «Cultura do Algodão».

PREMIOS Á CULTURA INTENSIVA

«E' necessario que tenhamos pela cultura dos campos aquelle culto afervorado dos antigos physiocratas, dos sectarios da doutrina de Turgot, lutemos nobremente pela conquista da nossa independencia economica para que se complete a obra de nossa emancipação politica.....»

Dr. Bernardino de Campos.

I. Succinta demonstração da crise economica.—II. Abandono da cultura intensiva e sua influencia.—III. A pequena lavoura nos nucleos coloniaes.—IV. Meios de desenvolver a polycultura.—V. Projecto de premios.

I O maravilhoso progresso do Estado de São Paulo em differentes ramos da actividade humana, a importancia moral e material que vae conquistando entre os Estados da União Brazileira, a attenção e interesse especial que tem despertado entre as demais nações da America e da Europa, todo esse conjuncto lisonjeiro de factos, contribue para muitos julgarem assegurado e garantido, perpetuamente, esse mesmo progresso e firmados, de uma vez, os elementos de uma opulencia e prosperidade sem fim.

Ainda, ha pouco tempo, em sessão memoravel do Congresso Agricola, nesta Capital, e onde se apresentaram lavradores de todos os pontos do Estado, uma voz autorisada, naturalmente influenciada pelo esplendor do progresso paulista fez-se ouvir e, a respeito da

situação que atravessamos, affirmou que o Estado de S. Paulo não passava por uma crise economica.

Enunciada essa proposição, logo vulgarisada pela imprensa e consagrada no ultimo relatorio do Secretario da Agricultura do Estado, ella correu mundo, figurando em diversas revistas do estrangeiro e alcançando assim os fóros de uma *cousa fulgada*.

Em nosso humilde modo de pensar, porém, posteriormente verificamos que jamais se proferio maior inexactidão, semelhante á tantas outras affirmações erroneas que só têm servido para prejudicar a lavoura. Effectivamente assim é, porquanto conceitos d'essa ordem, emittidos solemnemente, revestidos de toda publicidade, dispensam a intervenção dos governos e os cuidados do legislador senão dos proprios agricultores. (1)

Nem se diga que semelhante apreciação se baseia no facto lisonjeiro e surprehendente da expansão agricola do Estado de São Paulo ou no resultado em moeda corrente de sua exportação, aliás muito maior que a importação. (2)

Subordinados intimamente esses factos á economia geral do paiz, confundidos como se acham no grosso das transacções do mercado exterior, onde só entra em conta o interesse collectivo, reflexo da Uni-

(1) O *Congresso Agricola* reunido a 30 de Setembro ultimo dissolveu-se, d'ahi a 5 dias, a vista de um optimismo fallaz, synthetisado na seguinte phrase «que a lavoura de café dá 80 °/₀ de lucro.» A ultima assembléa legislativa, dissolvendo-se tambem sem resolver a grave e inadiavel questão do «*Credito agricola*», assim procedeu naturalmente por não considerar urgente a resolução deste problema...

(2) O valor official da exportação do Estado de S. Paulo em 1896 foi de 273.845:666$295 e o da importação de 186.456:988$910. Esta ultima somma comprehende os seguintes dados: importação propriamente dita 110.975:683$664; de cabotagem 29.180:807$200; productos do paiz..... 28.221:424$110; mercadorias isentas de direitos 18.079:033$910.

dade Nacional—não podem ser considerados isoladamente, sob um ponto de vista parcial e exclusivo.

Affirmando o mesmo conceito, disse o Snr. Dr. Campos Salles, em sua mensagem ao Congresso legislativo do Estado, em 7 de Abril ultimo:

«.... a vida economica dos Estados acha-se por tal forma vinculada á da União, que uma situação menos vantajosa nas finanças ou politica da Republica tem o seu immediato e desfavoravel reflexo no credito dos Estados, ainda os mais prosperos.»

Demais que importa o augmento da producção do café no Estado de S. Paulo se nos Estados de Minas e Rio tal producção se acha em decadencia e em marcha decrescente?

Como se pode affirmar que não temos crise economica se o exclusivismo da lavoura tornou o Estado de S. Paulo em absoluta dependencia economica do extrangeiro que até os generos alimenticios fornece para o nosso consumo?

O que se deve fazer é expor francamente a situação em que nos encontramos, embora contrariando o impulso do patriotismo. De resto o extrangeiro audacioso, intelligente e perspicaz está sempre ao nosso lado; o extrangeiro sabe dos nossos passos, nos informa annualmente e com minucia o numero de arrobas de café e de borracha que produzimos; o extrangeiro tem em dia o nosso activo e passivo e pagamentos por fazer; o extrangeiro é, em summa, perfeitamente conhecedor da evolução economica e financeira do paiz assim como dos menores detalhes da nossa vida social. (3)

(3) Para não attestar o nosso atrazo, em materia de estatistica, deixamos de indicar os documentos *officiaes* em que figuram innumeros dados sobre a producção do paiz, fornecidos pelo extrangeiro...

Quanto á opinião nacional, nada ha mais perigoso do que mantel-a em illusão de cousas puramente imaginarias e ephemeras...

Presentemente o Estado de S. Paulo atravessa um periodo angustioso e difficil, cheio de apprehensões e incertezas e oriundo de uma grave crise economica, que por todos deve ser estudada, comprehendida e conjurada.

Para demonstrar essa crise, aliás negada por muitos, é bastante examinarmos as condições em que se encontram, entre nós, os tres instrumentos da producção — natureza, trabalho e capital.

Qualquer um d'esses elementos que se ache em estado anormal perturbando a harmonia indispensavel á todos; qualquer desenvolvimento desordenado e desigual de um d'esses agentes, difficultando ou alterando a combinação que, entre os mesmos, sempre deve existir — determinam um desequilibrio de forças, uma crise economica de tão funestas consequencias como as terriveis crises de ordem natural.

Com relação á nossa ubertosa *natureza* cumpre reconhecer que nada ha mais do que uma pessima direcção dada á sua exploração. De um lado attesta esse facto a especulação já em declinio da compra e venda de estabelecimentos ruraes; de outro, o exclusivismo da producção concorrendo para a dependencia economica do Estado que ora precisa ir buscar nos paizes estrangeiros os differentes artigos de alimentação popular.

«Presentemente, disse o Snr. F. Albuquerque (no *Jornal*, de 22 de Julho 96) não ha um unico producto da agricultura a não ser a farinha de mandioca e o café que não nos venha do extrangeiro, desde o capim e o milho para darmos aos nossos animaes até a carne, o pão e o vinho com que nos alimentamos e para maior vergonha até o proprio assucar começou já a ser importado por nós, paiz assucareiro, pois preferimos dedicar os nossos cannaviaes á producção da cachaça.»

—Como se sabe o mercado de cambio está monopolisado pelo extrangeiro. O corrector de cambio, nacional... não prospéra. A baixa ou alta do cambio é sempre o prenuncio de importantes acontecimentos na politica do paiz, não raro exactamente *previstos* pelo extrangeiro.

Com relação ao *trabalho* é bastante aqui reproduzir o seguinte conceito do Snr. Dr. Lacerda Werneck: «Um paiz que recebe milhares de trabalhadores para os serviços da lavoura, sem estar armado de uma legislação reguladora dos direitos e deveres das partes, é um cumulo incompativel com a nossa civilisação e alta competencia dos nossos homens publicos.

Vivemos ás cégas, e o lavrador não sabe a quem recorrer, nas amarguras de sua posição, quando o fructo pende da arvore, a terra precisa ser carpida e os machinismos devem apurar a beneficiar o producto de tantos dispendios e fadigas!» (4)

Finalmente, com relação ao *capital* attestam a sua paralysia o elevado juro da praça, e os balancetes dos bancos que só, nesta Capital, accusam um encaixe de mais de cincoenta mil contos, sendo a terça parte depositada em conta corrente, sem juros nos bancos extrangeiros!

Em vista d'esses factos que claramente impedem a marcha parallela da producção e consumo; que impossibilitam o credito de sustentar a actividade economica sem excital-a nem desanimal-a um só momento;

(4) Vide o nosso «Estudo Economico e Financeiro sobre o Estado de S. Paulo (pag. 54).»

—Quanto á falta de capital na lavoura, basta sabermos que sómente o Banco de Credito Real de S. Paulo, recebeu em 1895 e 1896, propostas para emprestimos do valor superior a 20.000:000$000 (vinte mil contos de réis!).

que difficultam o trabalho de manifestar regularmente a sua pujança em todas as espheras de acção — como negar-se a crise economica e assim dispensar ou affastar a intervenção benefica e fecunda dos poderes publicos?

Foi estudando e conhecendo a sua situação economica que a Republica Argentina, entre muitas medidas tendentes a fomentar a producção nacional, promulgou recentemente uma lei autorizando o Banco Hypothecario a emittir dez milhões de bilhetes destinados á pequena lavoura e sobre terras cultivadas, não excedendo de dez mil pezos cada emprestimo.

Foi tambem ouvindo economistas insuspeitos como Mancini e outros que a Italia desenvolveu largamente as escolas praticas de agricultura, elevando o seu numero a mil trezentos e noventa e quatro no anno passado e exigindo n'ellas um completo ensino agricola, especialmente na parte referente á influencia das machinas.

Porque não havemos de seguir a mesma rota e assim satisfazer os reclamos da lavoura, no intuito de tirar do atrazo intellectual em que se acha tão importante classe?

II E' incontestavel que o abandono da pequena lavoura ou da cultura intensiva, nesta opulenta região, representa um grande papel na ordem de cousas que acabamos de delinear.

As estatiscas officiaes já demonstraram, de modo evidente, o phenomeno não só no regimen da exportação como da importação, tanto na Alfandega do Rio como na de Santos.

—Quanto á exportação: são os dois ultimos relatorios dos Drs. Rubião Junior e Paulo de Queiroz

ex-secretarios da fazenda, que, apresentando especificadamente os diversos elementos da producção paulista, constatam os seguintes dados:

Annos	1895	1896
Valor official da exportação do café	294.295:419$316	272.506:960$749
» » » de *outros productos*	1.032:668$018	1.338:705$546
Total	295.328:087$334	273.845:666$295

De sorte que em cerca de trezentos mil contos de réis, valor official da totalidade da exportação do Estado de S. Paulo, os differentes artigos da lavoura, excepção feita do café, são apenas representados pela insignificante quantia de pouco mais de mil contos de réis!

—Quanto á importação: Pela alfandega do Rio conforme a estatistica apresentada, em 19 de Agosto ultimo, á camara federal pelo deputado Barros Franco Junior, foram importados no anno passado os seguintes generos:

Milho	1.496.556	saccos	11.972:648$000
Arroz	1.240.833	»	24.816:600$000
Banha	2.084.960	kilos	2.189:000$000
Toucinho	4.811.010	»	
Trigo moido no ext.	375.935	barricas	34.427:225$000
» » no paiz.	607.700	»	
Farello moido no ext.	62.374	saccos	3.225:120$000
» » no paiz	582.650	»	
Alfafa	351.627	fardos	2.707:527$000
			85.303:712$000

Pela alfandega de Santos, apenas temos a estatisca publicada, pelo *Correio Paulistano*, em 29 de Setembro do anno passado e referente ao anno de 1895, a qual é a seguinte:

Carne secca	14.500.000 kilos
Arroz	600.000 saccas
Farinha de trigo	2.000.000 »
Toucinho	7.200.000 kilos
Banha	2.000.000 »
Sal	25.000.000 »
Batatas	3.250.000 »

Bacalhão	2.500.000	kilos
Manteiga	750.000	»
Assucar	750.000	saccas
Carvão	140.000	ton.
Alfafa	150.000	fardos
Vinhos communs . . .	12.500.000	litros
Milho	650.000	saccas (4)

Esse phenomeno do exclusivismo da lavoura ou do abandono da polycultura exerce uma notavel e perniciosa influencia na economia geral do Estado.

Em primeiro logar contribue para a instabilidade e baixa do valor do unico genero da nossa exportação, que, em taes circumstancias, facilmente se presta a mais desenfreada especulação, como observamos na quadra actual em que o café brazileiro é cotado nos mercados extrangeiros ao preço de quarenta e tres francos por cincoenta kilos ao passo que o de Java, em nada inferior se mantém ao preço de cento e vinte francos por igual quantidade!!. . .

O Snr. Joaquim Franco de Lacerda, em seu recente livro sobre a *Producção e consumo do café no mundo*, a pags. 68 á 69, assim se exprime, explanando o assumpto:

«O desequilibrio das permutas externas no Estado de S. Paulo tende ainda a aggravar-se mais com a baixa do café e chegará a um ponto gravissimo se não forem tomadas sérias medidas para que se valorize este nosso unico artigo de exportação.

(4) O Dr. Antonio de Toledo a pags. 110 e seguintes de seu recente relatorio apresentado ao Dr. Dino Bueno, secretario do interior, exhibe a estatistica detalhada da nossa importação da Republica Argentina.

Conforme uma estatistica publicada no *Mercurio* de Valparaiso e transcripta no *Jornal do Commercio* de 6 de Setembro ultimo, o Brazil importou do Chile em 1894—64.739 kil. de feijão e 21.345 de batatas; em 1895—73.150 de feijão e 22 600 de batatas, entre outros generos alimenticios como trigo, ervilhas, frutas, nozes, etc.....

Para que se possa formar um juizo seguro sobre o valor das nossas exportações, damos em seguida as importancias realisadas durante os annos de 1894 a 1897 e, aos preços actuaes do café, o valor approximativo da exportação de 1897-1898. Por ahi veremos que haverá um desequilibrio completo se não houver modificações na marcha que seguimos:

Exportação do café do Estado de S. Paulo

Annos	Exportações	Preço da sacca	Total em £
1894—1895	4.000.000	L. 4	16.000.000
1895—1896	3.125.000	» 4	12.500.000
1896—1897	5.000 000	» $2\frac{1}{2}$	12.500.000
1897—1898	4.000.000	» $1\frac{3}{4}$	7.000.000

Como se vê o valor da exportação diminúe consideravelmente ao passo que as nossas exportações foram enormes, sendo o commercio importador, devedor de grande parte no exterior. As difficuldades que este facto nos traz aggravam-se ainda com a necessidade que temos de continuar a importar grande quantidade de cereaes e outros artigos indispensaveis para o nosso uso e consumo».

—Em segundo logar o exclusivismo da lavoura concorre para regular-se pelo cambio o preço dos cereaes, cuja carestia provém de serem os mesmos importados do extrangeiro e de se acreditar que «o café dá para tudo».

Este facto foi comprovado pelo *Jornal do Commercio* que em, 10 de Janeiro do anno passado, exhibio um desenvolvido quadro estatistico sobre a elevação a cerca de trinta por cento, do preço dos cereaes, nestes ultimos annos. (5)

(5) Apreciando a referida estatistica escrevemos no *Correio Paulistano*, de 14 do mesmo mez e anno: «Não têm razão aquelles que, alarma-

E ao passo que isso se dá, sómente o café vae baixando de preço de modo a offerecer o seu plantio em S. Paulo mui pequena remuneração e no Estado do Rio, prejuizo certo.

Semelhante asserção, em parte já assignalada no relatorio do actual ministro da fazenda Dr. Bernardino de Campos, tem sido discutida pela imprensa e verificada na presente safra por todos quantos lidam com essa cultura.

De facto sommem-se todos os gastos que oneram a producção do café, desde a sua colheita até a venda, incluindo o preparo, o sacco, os carretos até a estação do embarque, o frete, a baldeação, a commissão, a guia no Rio, e bem assim outras mais despezas, anteriormente feitas, para se realisar essas operações como a installação ou a *outillage* da fazenda, o juro do capital empatado, emfim tudo, tudo — e o resultado a favor daquella lavoura será quasi nullo! (6).

---

dos com a publicação de uma tabella de preços, feita recentemente pelo nosso eminente collega do *Jornal*, gritam contra as novas instituições. Tudo está mais ou menos em relação com a baixa geral dos preços dos productos em todo o mundo e a depreciação do nosso meio circulante. O prejuizo não affecta tanto ás classes proletarias. O operario, o creado ou o serviçal que ganham na Europa uma diaria de um franco quando muito, ainda assim, em nosso paiz, não estão sendo prejudicados actualmente, bem como todos quantos vivem *au jour le jour*...

Estes factos, aliás vantajosamente explorados pelos inimigos da Republica, devem ser ponderados devidamente. Mas, perguntará o leitor: quem está perdendo então?

Sabido que grande prejuizo se teve quando o valor do nosso meio circulante fiduciario cahio inopinadamente do par para taxas inferiores e, não se fallando da riqueza publica ou da entidade moral do Estado, perdem os que vivem dos juros dos titulos mobiliarios, os pensionistas, os aposentados, finalmente todos aquelles cujos vencimentos ou resultados a obterem não guardam nem podem guardar hoje as devidas proporções, na razão geral dos valores.

(6) Na gazetilha do *Jornal do Commercio*, de 20 de Outubro findo, vem um extenso artigo mostrando os LUCROS da lavoura de café... O articulista depois de demonstral-os, accrescenta:

«O cultivo do cafésal, a colheita e preparo do café, não são as unicas despezas do lavrador.

Antes, para realizar estas operações, elle tem de manter apparelhado todo o serviço, que constitue uma fazenda e que exige muitos outros dispendios:

— Em terceiro logar, finalmente, o exclusivismo da lavoura ou o despreso das culturas accessorias faz do operario que não se adapta á lavoura de café um illota, um individuo forçado á ganhar a subsistencia nos grandes centros, no meio de forte concorrencia, sem alguma occupação permanente como é a agricultura.

E dahi, a origem do phenomeno do despovoamento dos campos, que tanto tem impressionado aos economistas modernos e, já observado na decadencia do imperio romano e, nos tempos presentes, por Emilio Jothrand na Inglaterra, na Hollanda e na Belgica e por Jorge Michel na França e Allemanha.

Este ultimo publicista, estudando o assumpto no *Economiste Français*, assim se exprime: «Todos conhecem a irresistivel fascinação que exercem as cidades no espirito dos camponezes: tudo que nellas vêm parece esplendido, e, com um pouco de imaginação, trocam o certo pelo incerto. O que elles vêm é o

---

Ha gado e vehiculos para o trafego interno, e, pois, pessoal para pensal-os, carreiros ou carroceiros, concertos ou reparos;

Ha porcos para alimentação, ao menos, do lavrador e familia;

Ha cultura ou compra de mantimentos para consumo do pessoal e sustento de animaes;

Ha pessoal preciso para os diversos machinismos;

Ha a manutenção ou abertura de caminhos, conservação e reparos de obras, muitas vezes construcções novas;

Ha ainda a matação de formigas, pessoal e formicida;

Ha o imprevisto: o estrago das chuvas e enchentes, as pontes arrancadas, barreiras cahidas;

Ha o incendio, casual, ou proposital ás mais das vezes: nas mattas, estragando madeiras e esterilisando a terra; nos pastos, deixando a criação sem sustento, a que é preciso acudir;

Ha mil outras verbas de despezas: ha a substituir um animal que morre, outro que furtam, porque verdadeiras quadrilhas de ladrões de animaes, sempre, infestárão a provincia, hoje Estado do Rio de Janeiro, e não obstante a acção energica, com que os acossa o actual chefe de policia, as suas correrias não cessarão tão cedo.

Ha ainda, por ultimo, as novas plantações que, embora, em pequena escala, todo lavrador faz sempre, ao menos até o anno passado quando começou a baixa, para manter constante o nivel de sua producção, e antes de cinco annos só dão despezas.

Ora, tudo isto importa em muito.....»

prazer accessivel, o dinheiro ganho com facilidade; o que não vêm é o trabalho morbido do operario, o labor deprimente do empregado ou do funccionario, as occupações inquietas do negociante. Esquecem notar que se o dinheiro é mais facil de ganhar nas cidades, mais rapidamente é dispendido e que, apezar das obras de caridade annualmente creadas nos centros populosos, o numero dos infelizes e de pobres é relativamente muito mais consideravel. Ignoram que os salarios, na apparencia mais elevados, mal representam despezas mais consideraveis para a sustentação da existencia».

III Como elemento demonstrativo das vantagens do nosso projecto vamos apresentar alguns dados sobre o progresso da pequena lavoura e seus resultados praticos nos nucleos coloniaes que tem sido fundados neste Estado.

Por faltar-nos informações deixamos de nos referir detalhadamente, aos onze nucleos emancipados seguintes: S. Caetano, Gloria e Sant'Anna, fundados ha 20 annos e proximos á esta Capital; Cannas, em Lorena; Cascalho, em Limeira; Barão de Jundiahy, em Jundiahy; Rodrigo Silva, em Porto Feliz; Antonio Prado, em Ribeirão Preto; Ribeirão Pires, em São Bernardo; Bôa Vista, em Jacarehy e o de Quiririm, em Taubaté o qual, embora estabelecido numa zona sujeita ás inundações do Parahyba, desenvolveu-se e prosperou tanto que conseguio ter lotes de terras vendidos a 1:800$000 e outros preços como este.

Cumpre consignar, porém, que sobre esses pequenos centros de polycultura, declarados emancipados pelo Decr. n. 225 A de 30 de Dezembro de 1893,

assim manifestou-se o Dr. Jorge Tibiriçá, a pag. 96 do seu relatorio da Agricultura: — «Autorizam esta medida (da emancipação) as condições de adiantamento e prosperidade em que se acham taes nucleos que já podem dispensar o auxilio do Estado e entrar no regimen commum ás demais localidades».

No relatorio apresentado, em 2 de Abril de 1894 pelo Dr. Leandro Dupré, inspector das colonias, encontram-se a pags. 21 as seguintes linhas: «provavelmente por occasião da emancipação daquelles nucleos, tinham sido compensados os sacrificios do Estado, visto como todos os colonos haviam pago a sua divida ao Governo».

Todo esse resultado foi devido exclusivamente á pequena lavoura.

E as duas referencias officiaes por si só bastam para attestar que não foi infructifera a ideia da creação desses novos centros agricolas, cujo progresso realizou-se de modo permanente e real, durante largos annos.

—Quanto aos cinco nucleos coloniaes de S. Bernardo proximo desta Capital, Pariquera-Assú, em Iguape, Sabaúna, em Mogy das Cruzes, Bom Successo, em Sorocaba e Piaguhy, em Guaratinguetá, ainda sob a administração do Estado, embora estejam elles em plena decadencia, aliás motivada por circumstancias inteiramente extranhas ás de ordem economica, vamos exhibir alguns dados que constituem todavia uma lisongeira confirmação dos resultados praticos da pequena lavoura.

Nucleo de *S. Bernardo.* Fundado em Julho de 1877 e inaugurado em Setembro do mesmo anno com a entrada de 51 colonos.—Área: 1.959 hectares —População actual: 2.496 colonos sendo um terço nacionaes—Capital accumulado em todas as installações:

1.407:760$000 ou 563$763 por cada trabalhador.— Em 1895 a producção attingio a 600:412$000 para cahir, no anno passado, á 409:895$000.

Nucleo *Pariquera-Assú*, um dos mais florescentes.—População actual: 1.552 colonos dos quaes 4/5 nacionaes, razão pela qual a lavoura preponderante é a do café, cuja safra ultima foi calculada em 40.000 arrobas.—Capital accumulado em todas as installações 801:090$000 ou 516$159 para cada trabalhador.— Em 1896 o valor total da producção foi de 680:372$ sendo a metade resultante da lavoura de cereaes.

Nucleo de *Sabaúna*. Installado em 1889 com uma só familia de colonos.—População actual: 970 agricultores sendo a metade nacionaes.—Capital accumulado em todas as installações 248:900$000 ou 256$597 para cada colono.—Em 1896 a producção attingio a 424:888$000 ou 50 % menos do que em 1894, epoca em que havia maior numero de habitantes.

—A população de todos os cinco nucleos em 1894 attingio a 6.490 habitantes e a producção, como se pode ver a pags. 39 do relatorio do Dr. Tibiriçá, quando secretario d'Agricultura, foi de..... 2.253:365$220 no mesmo anno.

—A população de todos os referidos nucleos, em 1895, pouco excedia de 5.000 habitantes e a producção, como se pode ver a pags. 118 do ultimo relatorio do Dr. Toledo Piza, director da Estatistica, foi de 1.575:417$000, no mesmo anno.

Pois bem, tomando-se por base a producção minima da pequena lavoura nos cinco nucleos coloniaes existentes no Estado (actualmente em decadencia) no valor de mil e quinhentos contos de réis, bem como a população dos mesmos de cinco mil habitantes e estabelecida uma proporção com o Estado, cuja população é de

dois e meio milhões de habitantes, chegaremos a verificar o seguinte:

—Com a lavoura de café o valor official da producção do Estado de S. Paulo, no anno de 1896, foi de 272.506:960$749.

—Com a polycultura esse valor official seria de 750.000:000$000, quasi o triplo da producção actual!

Eis a conclusão a que forçosamente a estatistica nos levará a conhecer pelo confronto proporcional, embora fatigante, das estatisticas acima referidas e que são as unicas que possuimos acerca da pequena lavoura. (7)

IV Innumeras são as medidas que as municipalidades podem levar a effeito, no sentido de promover-se o desenvolvimento da pequena lavoura, ou da cultura intensiva, tambem chamada cultura alterna ou continua.

Entre as principaes, são mais urgentes, entre nós, as seguintes:

—Creação de um imposto territorial urbano para os terrenos não cultivados e obrigatoriedade da cultura nos terrenos municipaes aforados; (8)

---

(7) O Rio Grande do Sul é um dos Estados onde a pequena lavoura mais tem progredido, devido ás suas diversas colonias cuja producção abastece de generos alimenticios não só as cidades populosas, como outros Estados e as Republicas Platinas.

—O Governo do Estado de S. Paulo tem em vista a fundação de um nucleo colonial modelo, no bairro do Funil, municipio de Campinas. N'esse nucleo vão ser collocadas 200 familias de suissos, tendo já estado, entre nós, uma commissão de agricultores d'aquella nacionalidade vinda expressamente para examinar as terras. Já foi celebrado o contracto para a construcção de 200 casas destinadas ás familias dos colonos e muito breve teremos um verdadeiro centro da pequena lavoura junto áquella florescente cidade.

(8) O intendente Dr. Julio do Carmo apresentou um projecto sobre este imposto, na municipalidade da Capital Federal, em 31 de Julho de 1895, tendo occasião de fundamental-o, brilhantemente, na sessão do Conselho de Outubro de 1895.

—Modificações e reparos nas estradas de rodagem do municipio de modo a facilitar-se o transporte dos productos agricolas, assim como as communicações dos estabelecimentos ruraes com os centros populosos;

– Campos de experiencia e de demonstração, fazendas modelos, colonias horticolas e não escolas de ensino agricola superior, que só mais tarde devem ser creadas; (9)

– Distribuição gratuita de sementes, plantas uteis como a videira e de folhetos, explicando o modo racional e a vantagem da cultura dos cereaes de par com a prodigiosa influencia das machinas agricolas (10) e dos fertilisantes; (11)

—Instituição de premios e exposições permanentes.

---

(9) O Snr. Manoel Lopes de Oliveira, em 1 de Julho de 1896, publicou um folheto sobre o assumpto, apresentando ao Governo um projecto para a fundação de uma *Colonia Horticola*, e demonstrando com estatisticas que, nesta capital, se consome hortaliças vindas de Montevidéo.

(10) Nada ha como collocar-se nas mãos dos agricultores os instrumentos de guerra industrial, ensinar-lhes o manejo e preparal-os para o labor, afim de, baixando o custo da producção, reconquistarmos os nossos proprios mercados!!...

A este respeito, diz o Snr. F. Albuquerque, em editorial do *Jornal do Commercio*, escripto em 12 de Outubro de 1896: «Como instrumento do trabalho os nossos lavradores empregam exclusivamente a enxada, instrumento prehistorico, e cujo emprego talvez já esteja esquecido no resto da superficie da terra, a não ser em alguma horda africana; os instrumentos aperfeiçoados, cujo custo não é elevado, multiplicam por tal forma a força do homem, que muitos delles ficam pagos no primeiro dia de serviço com as economias realisadas: é assim que com a mariposa (enxada de rodas em arado de mão) *um unico homem lavra tanta terra como dez com enxadas; com um arado qualquer junta de bois ou uma parelha de cavallos faz tanto ou mais serviço do que quarenta homens trabalhando com a nossa prehistorica enxada.*

(11) O Dr. Garcia Redondo, em seu folheto *«Em prol da lavoura»* publicado por ordem do Governo, mostra com a maior evidencia que os phosphatos, superphosphatos de cal, bem como os nitratos de potassa e de soda, os sulphatos de ammonia e de potassa, o azoto e o acido phosphorico constituem hoje os melhores adubos chimicos, os mais energicos fertilizantes dos terrenos exgottados ou cansados.

Os premios agricolas constituem uma medida aconselhada pelos economistas e vulgarmente adoptada em todas as nações civilisadas.

Raro é o paiz da Europa ou Estado da Norte America que não concede, annualmente, premios á exportação, á marinha mercante, á agricultura e á industria.

Modernamente tem-se verificado, por toda parte, a excellencia dos premios industriaes e agricolas, bem como a superioridade d'elles sobre as subvenções tão combatidas pelo seu caracter especial ou pessoal.

Não ha quem conteste a efficacia ou os effeitos economicos dos premios, em todas as espheras da actividade industrial dos povos; são elles uma saudavel coadjuvação ao homem esforçado e trabalhador; um verdadeiro ensinamento ou estimulo para se obter o aperfeiçoamento na producção e o progresso real de um paiz qualquer.

Após a proclamação da Republica foi o Estado de Minas o primeiro que instituio premios industriaes, cabendo tão fecunda iniciativa ao Dr. João Pinheiro, que, occupando o cargo de governador do Estado, fez baixar o Dec. de 28 de Abril de 1890 que, até hoje, regula o importante assumpto. (12)

Posteriormente o governo provisorio organisando por dec. n. 837 de 11 de Outubro de 1890 as exposições agricolas e regionaes para o fim de fomentar a expansão das forças productoras em todos os ramos do trabalho creou innumeros premios que infelizmente não passaram da lettra do referido Decreto.

---

(12) Os premios agricolas no Estado de Minas tem sido regularmen-e distribuidos durante os ultimos annos, e as leis n. 27 e 32 de 18 de Junho e 25 de Julho de 1892, entre os favores concedidos ás mprezas agricolas, concedem differentes premios.

—Nos paizes onde medram as loterias forçosamente serão os premios bons estimulantes da producção.....

No Estado do Rio o Dr. Pedro Gordilho de Paes Leme, presidente do Instituto de Agricultura, em magistral estudo publicado no «*Jornal do Commercio*» de 11 de Outubro do anno passado, acerca da industria pastoril, aconselha a immediata adopção de:—premios avultados, concedidos com discernimento para lotes de animaes de certo peso e idade;—recompensas para os productos creados no Estado e que se destinem á reproducção;—feiras, concursos e outras medidas que, em todos os paizes, concorrem para o melhoramento d'esta industria.

No Estado de Santa Catharina o governador acaba de sanccionar a resolução da assembléa legislativa, concedendo premios para favorecer o desenvolvimento da agricultura e industria. N'aquelle Estado o primeiro agricultor que produzir annualmente cincoenta mil kilos de trigo, em grão, terá quinze contos de réis; o que produzir dez mil, terá cinco contos; — o primeiro engenho central que fabricar annualmente duzentos mil kilos de assucar turbinado, terá o premio de dez contos; e o primeiro agricultor que produzir em igual tempo mil kilos de chá beneficiado e que obtenha pelo menos metade do preço do mais ordinario dos importados, terá cinco contos e assim são diversos outros premios de quantia inferior á esta ultima.

Em nosso Estado essa iniciativa, como já tivemos occasião de divulgar em nosso folheto sobre a «Cultura do Algodão», tem sido abraçada por algumas camaras municipaes como as de Casa Branca e São João da Boa Vista, que, no proximo anno, vão distribuir premios á pequena lavoura.

Achamos que é do maior alcance pratico a nossa municipalidade agir no sentido de serem tambem adop-

tadas tão uteis medidas economicas que, effectivamente, correspondem á uma palpitante necessidade da actualidade!

A cada dia, sobretudo nos centros populosos, se impõe o problema da pequena lavoura por cujo desenvolvimento as camaras municipaes devem zelar.

E' indispensavel, é inadiavel a obrigação que temos de encarar, de frente, este relevante assumpto, que tanto se relaciona com a vida e com o bem estar da nossa população.

O actual ministro da fazenda, Dr. Bernardino de Campos, em seu relatorio apresentado ao Presidente da Republica, em 30 de Abril ultimo, a pags. 111 assim se exprime:

«O Brazil reconhece, e os poderes publicos têm proclamado constantemente, como verdades incontestaveis, estas proposições que têm sido exhuberantemente demonstradas no parlamento e imprensa: — ser a lavoura a principal fonte de riqueza nacional; — ser-lhe indispensavel a protecção dos poderes publicos; — haver necessidade inadiavel de prestar-lhe justo, legitimo e conveniente auxilio.»

Bem conhecemos que estas questões não são da ordem d'aquellas que descansam o espirito e deleitam a imaginação.

Cumpre, porém, prestar-lhes a maxima attenção porquanto, diz um publicista contemporaneo: «ha a grande massa do paiz que soffre calada e resignadamente todas essas convulsões sociaes, que sobre ella vão reflectir-se, esmagando-a; ha os muitos milhares de familias que vêm diminuir os seus proventos perante esta espantosa aggravação das condições economicas, sendo arrastadas á situação dolorosa dos mais

profundos tormentos moraes; ha uma sociedade inteira que ambiciona repouso para o espirito, resultante da melhoria de todas estas circumstancias singularmente tristes.....»

Precisamos saber que a nossa população consome hortaliças e legumes importados das republicas platinas; que artigos de alimentação publica ha, como o trigo que, em oito mezes, subiram de 30$ a sacca á 52$ ou mais 22$000 (!) permittindo, como narrou a imprensa, que um bohemio collocasse ao peito, com o alfinete, um pão commum, tal era a sua insignificancia!!...

Snrs. Vereadores:

Toda vez que encontro extrangeiros visitando a nossa florescente capital e aqui admirando uma formosa topographia, bellos contornos de artisticas construcções, o movimento crescente das ruas, o arranjo gracioso das praças, o inflexivel rigor da hygiene, a admiravel diffusão do ensino, o activo commercio, a incontestavel vida, um luzente esplendor do progresso paulista—tenho sincero prazer em ver que esses audazes touristes não se lembram de visitar os nossos mercados municipaes... porque os encontrariam sempre abastecidos e fartos é certo, porém, com os productos mais simples da pequena lavoura, importados a peso de ouro de longinquas terras ou de differentes paizes do mundo!

Este facto evidente encerra um grave problema para o qual devemos levar o nosso pensar e por cuja solução cumpre empregar todo o nosso esforço e dedicação, porquanto, sem a prosperidade economica, não podemos ter a opulencia neste grande Municipio, nem a felicidade na Patria!

V Taes são os fundamentos que apresentamos para justificar o seguinte

PROJECTO:

Art. 1.° Nos orçamentos seguintes será consignada a verba de cem contos de réis para a distribuição annual de premios á pequena lavoura, mediante concurso, anteriormente annunciado;

Art. 2.° Os premios ora creados serão assim divididos:—*á lavoura de cereaes*, 50:000$000, em seis premios da importancia de cinco contos cada um e dez de dois contos;—*á horticultura*, 25:000$000, em um premio de cinco contos, cinco de dois contos e dez de um conto;—*á viticultura*, 25:000$000, em cinco premios iguaes;

Art. 3.° Para a distribuição dos premios será previamente examinada a applicação das machinas agricolas, como a charrua, o arado, a grade, o extirpador, o revolvedor, o semeador, o capinador, o segador ou qualquer outro instrumento que tenha por fim a modificação mechanica do solo e beneficiamento do plantio;

Art. 4.° A camara se dirigirá ao Governo afim de obter das estradas de ferro o transporte gratuito para machinas agricolas, bem como para os legumes e hortaliças, pelo menos nos trens de suburbio, como succede na Belgica e na França.

Art. 5.° Revogadas as disposições em contrario.

Sala das sessões, 3 de Novembro de 1897.

O Vereador:

Dr. Veiga Filho.